

# ANÁLISE IMAGÉTICO-ESQUEMÁTICA DO VERBO E DA PARTÍCULA NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO DO PHRASAL VERB “GIVE OUT”

IMAGETIC-SCHEMATIC ANALYSIS OF THE VERB AND THE PARTICLE IN THE MEANING CONSTRUCTION OF THE PHRASAL VERB “GIVE OUT”

ANÁLISIS IMAGÍSTICO-ESQUEMÁTICO DEL VERBO Y DE LA PARTÍCULA EN LA CONSTRUCCIÓN DE SIGNIFICADO DEL PHRASAL VERB “GIVE OUT”

Elaine Nunes<sup>1</sup>

**Resumo:** Os *phrasal verbs* constituem um dos tópicos gramaticais mais difíceis no que tange ao ensino/aprendizado de inglês como língua estrangeira. As dificuldades vão desde a definição do termo até a imprevisibilidade do significado e a polissemia. Pesquisadores da área defendem que a semântica da partícula que acompanha o verbo na estruturação do *phrasal verb* suscita vários esquemas imagéticos, e que tais esquemas, combinados aos do verbo, são gatilhos para extensões metafóricas a partir das quais depreendemos o significado dessas complexas construções. Este artigo objetiva compreender melhor como a Teoria da Metáfora Conceitual e os esquemas imagéticos, que incluem preceitos pragmáticos ancorados nas experiências sensorio-motoras, podem gerar entendimentos acerca da conceitualização dos *phrasal verbs*. Para tal, busco ilustrar, com animações (de elaboração própria), os esquemas imagéticos projetados pelo verbo e pela partícula durante o processo de construção de sentido do *phrasal verb* “give out”. Os resultados iniciais sugerem a transitividade verbal como responsável pela seleção de um ou outro esquema imagético projetado pela partícula “out” e, conseqüentemente, pelo acionamento de um dos diferentes sentidos assumidos pelo *phrasal verb* “give out”. Contudo, faz-se necessário a análise de outros *phrasal verbs* para confirmar a hipótese.

**Palavras-chave:** *Phrasal verbs*. Linguística Cognitiva. Teoria da Metáfora Conceptual. Esquemas imagéticos.

**Abstract:** Phrasal verbs are one of the most difficult grammatical topics when it comes to teaching/learning English as a foreign language. Difficulties range from the definition of the term to the unpredictability of meaning and polysemy. Researchers in the field argue that the semantics of the particle that accompanies the verb in the structuring of the phrasal verb raises several image schemas, and that such schemas, combined with those of the verb, are triggers for metaphorical extensions from which we infer the meaning of these complex constructions. This article aims to better understand how the Conceptual Metaphor Theory and the image schemas, which include pragmatic precepts anchored in sensorimotor experiences, can generate understandings about the conceptualization of phrasal verbs. To that end, I seek to illustrate, with animations (of my own elaboration), the image schemas projected by the verb and by the particle during the meaning construction process of the phrasal verb “give out”. The initial results suggest verbal transitivity as responsible for the selection of one or another image schema projected by the particle “out” and, consequently, for the activation of one of the different meanings assumed by the phrasal verb “give out”. However, it is necessary to analyze other phrasal verbs to confirm the hypothesis.

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [elanunesrj@gmail.com.br](mailto:elanunesrj@gmail.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0078-9331>.

**Keywords:** Phrasal verbs. Cognitive Linguistics. Conceptual Metaphor Theory. Image schemas.

**Resumen:** Los *phrasal verbs* son uno de los temas gramaticales más difíciles cuando se trata de enseñar/aprender inglés como lengua extranjera. Las dificultades van desde la definición del término hasta la imprevisibilidad del significado y la polisemia. Investigadores en el campo sostienen que la semántica de la partícula que acompaña al verbo en la estructuración del *phrasal verb* plantea varios esquemas de imagen, y que tales esquemas, combinados con los del verbo, son desencadenantes de extensiones metafóricas a partir de las cuales se puede inferir el significado de estas complejas construcciones. Este artículo tiene como objetivo comprender mejor cómo la Teoría de la Metáfora Conceptual y los esquemas de imagen, que incluyen preceptos pragmáticos anclados en experiencias sensoriomotoras, pueden generar comprensiones sobre la conceptualización de los *phrasal verbs*. Para ello, intento ilustrar, con animaciones (de elaboración propia), los esquemas de imagen que proyectan el verbo y la partícula durante el proceso de construcción de sentido del *phrasal verb* “give out”. Los resultados iniciales sugieren que la transitividad verbal es responsable de la selección de uno u otro esquema de imagen proyectado por la partícula “out” y, en consecuencia, de la activación de uno de los diferentes significados que asume el *phrasal verb* “give out”. Sin embargo, es necesario analizar otros *phrasal verbs* para confirmar la hipótesis.

**Palabras clave:** *Phrasal verbs*. Lingüística Cognitiva. Teoría de la Metáfora Conceptual. Esquemas de imagen.

### Breve histórico da evolução dos *phrasal verbs*

*Phrasal verbs* são construções combinadas de verbo + preposição/partícula adverbial<sup>2</sup> cujo significado, em grande parte, é idiomático e polissêmico. Pesquisas histórico-comparatistas indicam que os *phrasal verbs* que constituem o inglês moderno se desdobraram de verbos com prefixo acoplado empregados no período que chamamos de inglês antigo (*Old English*).<sup>3</sup> Tal mudança teria ocorrido durante a transição da língua para o inglês médio (*Middle English*).<sup>4</sup> Lamont (2005) oferece um exemplo desses verbos prefixados: comparemos o verbo “to burn” e o *phrasal verb* “to burn up”, que correspondem, respectivamente, às formas “bærnan” e “forbærnan” do inglês antigo. O prefixo “for” não podia ser deslocado da frente do verbo tal como as partículas do inglês moderno. Contudo, *phrasal verbs* com partículas pós-posicionadas também existiam nesse período, ainda que fossem de menor incidência e relegadas à ênfase no sentido direcional, no lugar, ou na orientação

<sup>2</sup> Por exemplo, em “He fixed up the car”, a partícula “up” assim é classificada porque pode ser deslocada, portanto também podemos dizer “He fixed the car up”. A possibilidade de deslocamento distingue a partícula da preposição. Em razão da similaridade, é comum a confusão entre *phrasal verbs* e *prepositional verbs* (verbos preposicionais). A distinção, neste caso, se dá na complementação, visto que verbos preposicionais são complementados por frases preposicionais (LAMONT, 2005).

<sup>3</sup> Denominamos *Old English* a língua falada e escrita na Inglaterra no período anterior a 1100. Fonte: Site *Britannica* <<https://www.britannica.com/topic/Old-English-language>>.

<sup>4</sup> Outro exemplo que envolve o deslocamento da partícula na evolução da língua inglesa é dado por Kamiya (2015), com o verbo “upgan”, grifado assim durante o inglês antigo, mas que no inglês médio assumiu a forma “go up”.

física. Exemplo disso são “to grow up(ward)”, em que o sentido é direcional (para cima); e “to stand by”, indicando lugar por perto (SMITH, 2021).

De acordo com David Denison (1986, p. 47 *apud* LAMONT, 2005), no período do inglês médio o uso de verbos prefixados parecia não mais ser tão produtivo, ainda que isso fosse perceptível durante o próprio período do inglês antigo. Alguns autores desse período acrescentavam uma partícula após alguns verbos prefixados, talvez buscando reforçar o sentido do prefixo, que supostamente estava se perdendo. Outros fatores são apontados como estimuladores da posposição das partículas: 1) a entonação que as partículas pós-verbais recebiam, deixando-as mais fortes e preservando seu valor lexical; 2) as fortes influências do francês e do anglo-normando, bem como do nórdico antigo (*Old Norse*) – que já apresentava grande incidência de *phrasal verbs* com partículas pós-verbais.<sup>5</sup>

Segundo Smith (2021), foram muitas as mudanças e influências na língua inglesa que impulsionaram o uso dos *phrasal verbs* durante o período do inglês médio. Conseqüentemente, ao final havia uma miríade de *phrasal verbs* em diferentes formas, que variavam entre as prefixadas, como “understand” (compreender) e “overtake” (ultrapassar) – ambas consideradas resquícios do inglês antigo –, e as pós-posicionadas, como “take up” (pegar) e “write off” (cancelar).

Após a conquista normanda, o francês passou a ser a língua de status na Inglaterra e os *phrasal verbs* ingleses, por serem considerados informais, tiveram a recorrência bastante reduzida. Os empréstimos de verbos romance da língua francesa capazes de preencher o campo semântico dos *phrasal verbs* também contribuíram para que fossem cada vez menos usados. Somente no início da era moderna do inglês (do final do século XV até meados do século XVII),<sup>6</sup> voltaram a ser bastante empregados, principalmente em textos dramáticos. Shakespeare, por exemplo, os empregou amplamente em suas peças. Smith (2021) atribui esse uso extenso às várias nuances de significado que os *phrasal verbs* apresentavam, bem como à sua capacidade de formar novos *idioms*.<sup>7</sup> A autora acrescenta que aos textos mais formais, tais como os acadêmicos, foram reservados os verbos de um único vocábulo, baseados no latim ou no inglês antigo (ex.: os correlacionados “to break up” e “to destroy”) – uma regra que existe até hoje.

<sup>5</sup> As influências da conquista normanda e do nórdico antigo no inglês médio corroeou a sintaxe Objeto-Verbo (OV) do inglês antigo, e isso teria catalisado a produção de partículas adverbiais separadas e dos *phrasal verbs* no inglês médio (LAMONT, 2005).

<sup>6</sup> Segundo Lamont, foi também nesse período que os objetos pronominais se firmaram diante das partículas. Por exemplo, “She put it on” em vez de \**“She put on it”* (2005). Enquanto isso, os objetos nominais podiam ser expressos tanto antes quanto depois da partícula (“She put on the dress”/“She put the dress on”).

<sup>7</sup> Na língua inglesa, denomina-se *idiom* um grupo de palavras estabelecidas pelo uso que têm um significado não dedutível daqueles das palavras individuais. Fonte: *Cambridge Dictionary Online*. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/idiom>>.

Quanto à idiomatidade dos *phrasal verbs*, Lamont (2005) afirma que já no inglês antigo os verbos compostos (prefixados) não necessariamente refletiam o significado de sua raiz. Por exemplo, o verbo “understandan” não significava “to stand underneath something” (estar sob algo). Em vez disso, era entendido tal qual o conhecemos na atualidade, isto é, idiomáticamente, como “compreender”.

Ao que tudo indica, a dificuldade de compreender os *phrasal verbs* atravessa os séculos. São anos e anos de uma língua em constante movimento, sob muitas influências, imposições e adaptações. Em seu artigo “Wildly irregular or no longer insuperable?”, Jonathan Marks (2006) recorre a uma passagem do prefácio do *A Dictionary of the English Language*, que Samuel Johnson escreveu há cerca de 266 anos, para enfatizar as dificuldades de se aprender os *phrasal verbs*, principalmente quando se é estrangeiro:

Há outro tipo de composição mais frequente em nossa língua do que talvez em qualquer outra, do qual decorre para os estrangeiros a maior dificuldade. Modificamos o significado de muitos verbos por meio de uma partícula adjacente; como em *to come off*, escapar; *to fall on*, atacar; *to fall off*, apostatar; *to break off*, parar abruptamente; *to bear out*, justificar; *to fall in*, obedecer; *to give over*, cessar; *to set off*, embelezar; *to set in*, começar um mandato contínuo; *to set out*, iniciar um curso ou jornada; *to take off*, copiar; com inúmeras expressões do mesmo tipo, das quais algumas parecem descontroladamente irregulares, estando tão distantes do sentido das palavras simples que nenhuma sagacidade será capaz de traçar os passos pelos quais chegaram ao uso atual (JOHNSON, 1755; tradução minha).<sup>8</sup>

Talvez Johnson esteja certo ao dizer que nós, estrangeiros, nunca chegaremos a compreender a natureza polissêmica e idiomática dos *phrasal verbs* em sua totalidade (quicá nem mesmo um falante nativo). Porém, para um pesquisador, a complexidade os torna um objeto de estudo ainda mais fascinante e desafiador. Mesmo que tudo o que se consiga seja uma pequena gota de conhecimento desse oceano semântico em que se encontram os *phrasal verbs*, navegar por ele sob o viés da abordagem cognitiva pode nos dar alguma bússola quanto a sua significação.

---

<sup>8</sup> “There is another kind of composition more frequent in our language than perhaps in any other, from which arises to foreigners the greatest difficulty. We modify the signification of many verbs by a particle subjoined; as to come off, to escape by a fetch; to fall on, to attack; to fall off, to apostatize; to break off, to stop abruptly; to bear out, to justify; to fall in, to comply; to give over, to cease; to set off, to embellish; to set in, to begin a continual tenour; to set out, to begin a course or journey; to take off, to copy; with innumerable expressions of the same kind, of which some appear wildly irregular, being so far distant from the sense of the simple words, that no sagacity will be able to trace the steps by which they arrived at the present use” (JOHNSON, 1755) .

## A Linguística Cognitiva e a construção de sentido

A Linguística Cognitiva (LC), surgida no final da década de 70, é uma linha de pensamento da área de estudos da linguagem que defende a corporificação do pensamento, considerando que sua estrutura e sua organização se relacionam diretamente à capacidade sensorial do corpo, bem como à percepção e à movimentação dele no espaço. A LC destaca igualmente a natureza enciclopédica do ser humano, em decorrência do conhecimento de mundo adquirido ao longo da vida. Analisa a linguagem em uso e atribui ao sujeito um papel importante, já que suas experiências, com base no universo cultural em que se insere, colaboram com o processo de significação.

De acordo com os preceitos da teoria, a construção de sentido ocorre na medida em que o discurso é desenvolvido, por meio de diferentes conexões cognitivas entre domínios denominados espaços mentais. Determinada palavra ou expressão linguística contida em um desses espaços funciona como um gatilho (*trigger*) para identificar uma entidade-alvo (*target*), por sua vez localizada em outro espaço mental. Assim, a mente humana realiza diferentes conexões a partir dos elementos linguísticos que se produzem no discurso, fazendo da construção de sentido um processo mental complexo entre domínios, que se realiza quando pensamos e nos comunicamos (MARINHO e FERRARI, 2016, p. 3).

A construção dos espaços mentais envolve o conhecimento cognitivo e conceptual que o ser humano adquire a partir das experiências culturais e sociais acumuladas ao longo de sua existência. Esse conhecimento adquirido é armazenado em estruturas permanentes na memória denominadas *frames*. Os elementos dos espaços mentais, por sua vez, se organizam em modelos cognitivos idealizados (MCI) – estruturas acionadas durante o discurso com base no conhecimento prévio do indivíduo, e que podem ser ordenadas por três princípios: estrutura proposicional, esquemas imagéticos e projeções metafóricas/metonímicas (MARINHO e FERRARI, 2016, p. 4).

Assim, como afirmam Marinho e Ferrari (2016), “as noções de *Frame* e *MCI* assumem um papel de destaque na construção de sentido,<sup>9</sup> pois explicam o motivo pelo qual, em uma dada expressão, a interpretação envolve mais informação do que é possível visualizar a partir dos elementos linguísticos”. É, pois, com base nessa noção que pretendo analisar as projeções metafóricas advindas da combinação dos esquemas imagéticos acionados pelo verbo e pela partícula que integra o *phrasal verb* “give out”. Vejamos, portanto, mais detalhadamente o conceito de esquema imagético.

---

<sup>9</sup> “Na construção de sentido há, ainda, a possibilidade de ocorrer Mesclagem Conceptual (Blending), que integra parcialmente os elementos de espaços mentais específicos” (MARINHO e FERRARI, 2016, p. 4).

## Esquemas imagéticos

De acordo com Johnson (1987), esquema imagético é uma estrutura sensório-motora que reflete experiências corpóreas configuradas a partir de nossas percepções espaciais e direcionais: “Um esquema imagético é um padrão dinâmico recorrente de nossas interações perceptivas e programas motores que dá coerência e estrutura à nossa experiência” (p. xiv; tradução minha).<sup>10</sup> Ainda que, como disse Johnson, a estruturação dos esquemas imagéticos seja recorrente, não se dá intencionalmente. Nesse sentido, esclarece Stadler:

Não criamos esquemas de imagens deliberadamente; não temos um mundo significativo sem estarmos nele incorporados; e não desenvolvemos esquemas de imagem apenas por termos um corpo sem um mundo preexistente e experienciável (como um corpo / cérebro em uma cuba). Nenhuma de nossas interações sensório-motoras com o mundo é desestruturada, porque os esquemas de imagem são o que pode ser formulado como o bicondicional “se e somente se” – consequente das interações sensório-motoras como o antecedente (STADLER, 2020, p. 140; tradução minha).<sup>11</sup>

Esquemas imagéticos são padrões básicos de nossa percepção sensório-motora, portanto sua concepção depende da constituição do corpo, do aparato perceptivo de cada pessoa, bem como das dimensões físicas e espaciais do mundo no qual estamos inseridos: “A aquisição dos esquemas imagéticos é particular no sentido de que cada pessoa os adquire individualmente” (STADLER, 2020, p. 144; tradução minha).<sup>12</sup> Portanto, mesmo que vários indivíduos reúnam condições mais ou menos equitativas para a conceptualização de um mesmo esquema imagético (mesmo tipo de corpo com cabeça, tronco e membros; vivendo em um mesmo ambiente etc.), podem sempre interpretá-lo diferentemente, “devido aos nossos domínios experienciais particulares, nossas intenções, nosso conhecimento e nossos respectivos mapeamentos metafóricos” (p. 144; tradução minha).<sup>13</sup> Assim sendo, adianto que os esquemas imagéticos que me proponho a elaborar para os verbos aqui analisados decorrem de minha percepção individual deles, por isso podem não ser os mesmos percebidos pelo leitor.

---

<sup>10</sup> “An image schema is a recurring, dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that gives coherence and structure to our experience” (p. xiv).

<sup>11</sup> “We do not make image schemata up deliberately; we do not have a meaningful world without being embodied in it; and we do not develop image schemata just by having a body without a pre-existing, experienceable world (as a body/brain in a vat). None of our sensorimotor interactions with the world are unstructured because image schemata are what can be formulated as the biconditional ‘if-and-only-if’ – consequent of sensorimotor interactions as the antecedent” (STADLER, 2020, p. 140).

<sup>12</sup> “The acquisition of image schemata is private in the sense that every person acquires them individually” (STADLER, 2020, p. 144).

<sup>13</sup> “Due to our particular experiential domains, our intentions, our knowledge, and our respective metaphorical mappings” (STADLER, 2020, p. 144).

Outro ponto que merece destaque quanto aos esquemas imagéticos é sua quantidade: apesar de não haver consenso na literatura quanto ao número exato, tais estruturas não são ilimitadas (STADLER, 2020, p. 141). Stadler considera a lista apresentada por Evans e Green (2006, p. 190) – compilada de Cienki (1998), Gibbs e Colston (1995), Johnson (1987), Lakoff (1987) e Lakoff e Turner (1989) – a mais completa, por incluir tanto os esquemas imagéticos classificados como mais básicos quanto aqueles projetados a partir deles:<sup>14</sup>

- ESPAÇO (compreendendo os esquemas PARA CIMA-PARA BAIXO; FRENTE-TRÁS; ESQUERDA-DIREITA; PERTO-LONGE; CENTRO-PERIFERIA; CONTATO; ORDEM LINEAR; VERTICALIDADE);
- CONTENÇÃO (CONTÊNER; DENTRO-FORA; SUPERFÍCIE; CHEIO-VAZIO; CONTEÚDO);
- DESLOCAMENTO (MOMENTUM; ORIGEM-PERCURSO-DESTINO);
- EQUILÍBRIO (EQUILÍBRIO DE EIXO, EQUILÍBRIO DE DOIS PRATOS,<sup>15</sup> EQUILÍBRIO DE PONTOS; EQUILIBRIUM);
- FORÇA (COMPULSÃO; BLOQUEIO; CONTRAFORÇA; DESVIO; REMOÇÃO DE RESTRIÇÃO; HABILITAÇÃO; ATRAÇÃO; RESISTÊNCIA);
- UNIDADE-MULTIPLICIDADE (FUSÃO, COLEÇÃO, DIVISÃO, REPETIÇÃO, PARTE-TODO, CONTAGEM-MASSA, LIGAÇÃO);
- IDENTIDADE (ASSOCIAÇÃO, SOBREPOSIÇÃO);
- EXISTÊNCIA (REMOÇÃO, ESPAÇO LIMITADO, CICLO, OBJETO, PROCESSO) (2020, p. 142; tradução minha).<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Também adoto a lista de Evans & Green para a análise que desenvolvo neste artigo.

<sup>15</sup> Um esquema de EQUILÍBRIO DE DOIS PRATOS é um esquema que envolve forças contrapostas físicas ou metafóricas agindo em ambos os lados de um fulcro. Fonte: SIL – *Glossary of Linguistic Terms* <<https://glossary.sil.org/term/twin-pan-balance-schema>>.

<sup>16</sup> “Evans et al. [2006: 190] provide such a categorization of image schemata, with the following categories: SPACE (comprising the schemata UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIPHERY, CONTACT, STRAIGHT, VERTICALITY), CONTAINMENT (CONTAINER, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT), LOCOMOTION (MOMENTUM, SOURCE-PATH-GOAL), BALANCE (AXIS BALANCE, TWIN-PAN BALANCE, POINT BALANCE, EQUILIBRIUM), FORCE (COMPULSION, BLOCKAGE, COUNTERFORCE, DIVERSION, REMOVAL OF RESTRAINT, ENABLEMENT, ATTRACTION, RESISTANCE), UNITY-MULTIPLICITY (MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, COUNT-MASS, LINKAGE), IDENTITY (MATCHING, SUPERIMPOSITION), EXISTENCE (REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS). Although the authors claim that this list is incomplete, it is the most comprehensive list that I could find in the literature on this topic” (STADLER, 2020, p. 141).

Minha proposta de análise envolve a elaboração e adição de movimento aos diagramas,<sup>17</sup> portanto me parece apropriado acrescentar aqui três ressalvas feitas por Stadler (2020, pp. 147-148) quanto à visualização dos esquemas imagéticos: a primeira diz respeito à distinção entre “um esquema e uma imagem”. Para o pesquisador, enquanto uma imagem representa um objeto ou um conceito particular, esquemas são estruturas (inadequadas) que organizam a representação mental a partir da qual formamos imagens mentais particulares (pp. 147-148).

A inadequação a que Stadler se refere provém da segunda ressalva feita, quanto à condição estática dos diagramas visuais impressos, pois dessa forma eles não conseguem demonstrar o aspecto dinâmico típico dos esquemas imagéticos (p. 148). O pesquisador acrescenta, com base nas palavras de Johnson (2007, 144), que as estruturas “não são meras ‘representações’ estáticas (ou ‘instantâneos’) de um momento em um mapa neural topográfico. Em vez disso, os esquemas imagéticos operam dinamicamente ao longo do tempo” (JOHNSON, 2007, p. 144; tradução minha).<sup>18</sup> Portanto, Stadler sugere que “talvez uma simulação de computador seja mais apropriada para visualizar esquemas de imagem. Enquanto os diagramas estáticos podem mostrar apenas um modelo ‘congelado’ de um esquema imagético, uma simulação em movimento pode mostrar sua flexibilidade real e fluidez dinâmica” (2020, p. 148).<sup>19</sup> Tal recomendação vai ao encontro de minha proposta de acrescentar movimento aos esquemas imagéticos combinados dos *phrasal verbs* em análise, com o objetivo de investigar em que medida a visualização da animação, por meio de mídia, pode contribuir para a compreensão do conceito de esquemas imagéticos, bem como do processo de construção do significado das construções.

Na forma de uma terceira ressalva, Stadler destaca a importância de se considerar que esquemas imagéticos não são apenas padrões visuais, mas existem graças a todos os outros sentidos e muitas vezes são trans modais ou de natureza cinestésica.<sup>20</sup> Ou seja, ainda que o sentido visual predomine,

um diagrama visual de um esquema imagético, portanto, não deve implicar que os esquemas imagéticos sejam redutíveis apenas à visão [...]. A origem primária do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO, por exemplo, é o movimento corporal; o esquema CONTÊINER é evidenciado principalmente por nosso sentido tátil, mas também por outros órgãos dos sentidos, EQUILÍBRIO é desenvolvido pelo sentido de equilíbrio dentro de nossos ouvidos e ATRAÇÃO

<sup>17</sup> O leitor pode visualizar a animação acessando o link abaixo de cada diagrama aqui apresentado. Os vídeos, disponíveis no YouTube, são parte de um banco de dados (em construção) de esquemas imagéticos animados.

<sup>18</sup> “[...] are not mere static ‘representations’ (or ‘snapshots’) of one moment in a topographic neural map. Instead, image schemas operate dynamically in and through time” (JOHNSON, 2007, p. 144).

<sup>19</sup> “Perhaps a computer simulation would be more appropriate for visualizing image schemata. While static diagrams can only show one ‘frozen’ model of an image schema, a moving simulation could account for their actual flexibility and dynamic fluidity” (STADLER, 2020, p. 148).

<sup>20</sup> “It is also important to know that image schemata are not supposed to be visual patterns alone, but that they relate to or exist due to all other senses and often are even cross-modal or kinesthetic in nature” (STADLER, 2020, 148).



pode estar relacionada ao paladar, mas também a qualquer outro órgão sensorio ou à percepção transmodal (STADLER, 2020, p. 148; tradução minha).<sup>21</sup>

Uma vez que o esquema CONTÊINER me servirá de base para analisar as projeções metafóricas que emergem da partícula que integra o *phrasal verb* “give out”, destaco a seguinte afirmação de Lakoff e Johnson:

Os esquemas de CONTÊINER, como outros esquemas de imagem, são transmodais. Podemos impor um esquema de CONTÊINER conceptual em uma cena visual. Podemos impor um esquema de CONTÊINER a algo que ouvimos, como quando separamos conceitualmente uma parte de uma peça musical da outra. Também podemos impor esquemas de CONTÊINER em nossos movimentos motores, como quando um treinador de beisebol divide o movimento do bateador em partes componentes e discute o que acontece “dentro” de cada parte (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 32; tradução minha).<sup>22</sup>

### **Análise dos esquemas imagéticos projetados pelo verbo *to give***

De acordo com o *Online Etymology Dictionary*, o verbo “to give” tem origem no inglês antigo “giefan” e seus significados se relacionam com os verbos dar, doar, entregar a outrem, distribuir, conceder, dedicar e confiar. Considerado de categoria V no grupo dos *strong verbs*<sup>23</sup> (*past tense* “geaf”, *past participle* “giefen”), provém do vocábulo proto-germânico “geban”, cuja raiz, de origem proto-indo-europeia “ghabh-”, significava dar ou receber. Transformou-se em “yiven” durante o inglês médio, e o “y” foi substituído pelo “g” gutural por influência do nórdico antigo “gefa” (dar) e do dinamarquês antigo “giva”.<sup>24</sup>

Como vimos anteriormente, esquemas imagéticos são estruturas flexíveis, tanto em termos de estruturação (campo visual, tato, audição etc.) como pelo fato de interagirem entre si. Nas palavras de Ramos, “eles estão sempre se sobrepondo e surgindo de maneira sequencial” (2005, p.

<sup>21</sup> “A visual diagram of an image schema should therefore not imply that image schemata are reducible to sight alone [...]. The primary origin of the SOURCE-PATH-GOAL schema, for example, is bodily movement; the CONTAINER schema is mainly evinced by our tactile sense but also by other sense organs, BALANCE is developed by the equilibrium sense within our ears and ATTRACTION can be related to taste, but also to any other sensual organ or cross-modal perception” (STADLER, 2020, p. 148).

<sup>22</sup> “Container schemas, like other image schemas, are cross-modal. We can impose a conceptual container schema on a visual scene. We can impose a container schema on something we hear, as when we conceptually separate out one part of a piece of music from another. We can also impose container schemas on our motor movements, as when a baseball coach breaks down a batter’s swing into component parts and discusses what goes on “inside” each part (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 32)”.

<sup>23</sup> *Strong verbs* são aqueles cuja vogal da raiz no inglês antigo mudava de acordo com o tempo verbal (*ring – rang – rung*). São sete categorias, das quais algumas formas verbais se mantiveram no inglês moderno.

<sup>24</sup> A título de curiosidade, o *phrasal verb* “give out” surge em meados do século XIV, com o sentido de publicar, anunciar; e o sentido de “run out, break down” data de 1520s. Igualmente a título de curiosidade e também para salientar a importância da influência que a tradição cultural exerce na construção de significado tanto dos *phrasal verbs* quanto das expressões idiomáticas, cito o *idiom* “To give (someone) a cold”, que reflete a antiga crença de que alguém pudesse se curar da enfermidade por deliberadamente infectar outras pessoas.

164), por isso são constantemente “recodificados em nossas mentes, pois apresentam detalhes das nossas experiências diárias, tais como os objetos utilizados, os atores participantes, os lugares ocupados” (RAMOS, 2005, p. 164).

A meu ver, a conceptualização dos verbos, inclusive do verbo “to give”, é uma combinação complexa de esquemas imagéticos que se relacionam dinamicamente, uma vez que a diversidade de esquemas imagéticos que a carga semântica do verbo suscita envolve esquemas que chamo de “fixos” ou “essenciais”, por sempre serem acionados ao ouvirmos ou lermos tal verbo; e aqueles que chamo de “flutuantes”, pois, apesar de igualmente acionados ao ouvirmos ou lermos a expressão linguística, podem ser desativados em função do complemento verbal. Por exemplo: o verbo “to give” projeta, dentre vários outros, o esquema imagético de UNIDADE-MULTIPLICIDADE, pois um objeto pode ser dado a uma ou mais pessoas (“John gave the tickets to Jane”; “John gave the book to the students”), mas no caso do verbo “to distribute” (distribuir), o esquema de UNIDADE é imediatamente desativado, preservando-se apenas a multiplicidade, uma vez que não se pode “distribuir” a uma única pessoa.

Eu diria que a relação dinâmica do verbo “to give” envolve, dentre outros, os esquemas de PERTO-LONGE, ORDEM LINEAR (projeções do macro esquema de ESPAÇO); ORIGEM-PERCURSO-DESTINO, CAUSA-EFEITO (projeções do macro esquema de DESLOCAMENTO); OBJETO e PROCESSO (projeções do macro esquema de EXISTÊNCIA); COLEÇÃO e REPETIÇÃO (projeções do macro esquema de UNIDADE-MULTIPLICIDADE).

O verbo “to give” implica a EXISTÊNCIA de pelo menos três elementos participantes, sejam eles de natureza física ou abstrata (quem dá, quem recebe e o OBJETO dado). O PROCESSO implica o DESLOCAMENTO desse objeto que, provisoriamente ou não, está em posse de um dos interlocutores, isto é, está mais PERTO de um e mais LONGE do outro. Parece-me que os esquemas de maior intensidade na construção de significado do verbo “to give” são os de CONTÊINER e DESLOCAMENTO (ORIGEM-PERCURSO-DESTINO), visto que o verbo estimula a se pensar que a posse de determinado objeto<sup>25</sup> (que é de A) será transferida para outro(s) participante(s). Essa transferência ativa em nós a ideia de percurso, obrigatoriamente com uma origem e um destino, que ocorre em ORDEM LINEAR, pois a transferência é direta, sem intermediários (ocorre de A para B/de B para A; ou ainda de A para B,C,D.../de B,C,D... para A). Os esquemas de UNIDADE-MULTIPLICIDADE são selecionados de acordo com o complemento do verbo (“to give something(s) to somebody/some people”) e, dependendo do

---

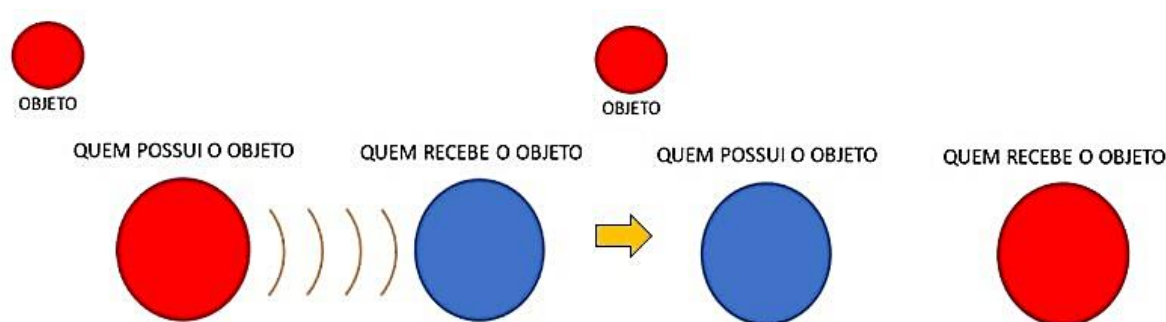
<sup>25</sup> Denomino “objeto” qualquer elemento, de natureza física ou abstrata, em posse de um dos indivíduos envolvidos no processo. Sendo assim, sentimentos, qualidades e propriedades etc. podem ser considerados objetos.

número de objetos e receptores, os esquemas de COLEÇÃO E REPETIÇÃO são ativados. O fim do processo de construção de significado do verbo dar culmina em algum tipo de CAUSA-EFEITO (aquele que possuía algo não possui mais/aquele que não possuía agora possui; o objeto que saiu de determinado ponto de origem agora se encontra em outro ponto, alguém pratica a ação e outro recebe a ação, por exemplo).

Vale destacar que, como mencionado acima, o sentido do verbo “to give” se relaciona com o de outros verbos, tais como “to donate” (doar), “to deliver” (entregar), “to distribute” (distribuir), “to grant” (conceder), “to offer” (oferecer), “to yield” (ceder) etc. Isso porque eles compartilham os esquemas imagéticos mais intensamente projetados pelo verbo “to give”: CONTÊINER, DESLOCAMENTO (ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CAUSA-EFEITO). Contudo, cada um deles aciona um (ou mais) esquema(s) imagético(s) diferente(s), o que constituirá uma peculiaridade e, conseqüentemente, o distinguirá de “to give” quanto à aplicabilidade. Haja vista o já mencionado verbo “to distribute” que, a princípio, ativa os mesmos esquemas que “to give”, mas não pode ter como ator participante receptor uma única pessoa. Portanto, o esquema imagético de RESTRIÇÃO (que restringe o recebimento do objeto a múltiplos elementos) poderia ser considerado o esquema que distingue “dar” de “distribuir”, por exemplo.

O diagrama 1 ilustra minha interpretação dos esquemas imagéticos ativados pelo verbo “to give”.

Diagrama 1:



Animação disponível em: <https://youtu.be/LP8jQ0rs1L8>

### A partícula *out*

De acordo com o *Online Etymology Dictionary*, a preposição “out” surge a partir do advérbio em meados do século XIII, com sentido de “out of” (fora de); “from” (de – origem); “away from” (longe de); “outside of” (do lado de fora de); “beyond” (além de); “except” (exceto); “without” (sem); “lacking” (ausência).

A preposição “out” expressa movimento ou direção desde dentro ou a partir de um ponto central. Significa também remoção de um local ou posição adequada. Descende do inglês antigo “ut” (“out”, “without”, “outside”), que por sua vez provém do proto-germânico “ūt”, cuja raiz proto-indo-europeia “uidh-” significava “up” (para cima), “out” (para fora), “up away” (para cima longe), “on high” (no alto). Da raiz proto-indo-europeia também se originou a preposição do latim – uma das línguas de destaque na composição da língua inglesa – “usque”, com o sentido de “all the way to” (por todo o caminho, em direção a), “continuously” (continuamente), “without interruption” (sem interrupção).

O sentido de “out” como “disclose to public view”; “reveal”; “make known” (divulgar para visualização pública, revelar, tornar conhecido) data de meados do século XIV. Como podemos observar, os sentidos foram se expandindo ao longo do tempo. De acordo com Weber (2012), os períodos do inglês antigo e do inglês médio são os mais importantes em termos de desenvolvimento histórico das preposições inglesas simples. Por meio de uma análise diacrônica, percebe-se que desde o período do inglês antigo as preposições e seus complementos constituíram uma unidade conceptual, com conteúdo informativo associado aos sentidos espacial ou temporal básicos. Durante o inglês médio, muitas preposições evoluíram do significado espaço-temporal básico para significados mais abstratos e, conseqüentemente, sofreram generalização semântica (pp. 8 e 13).

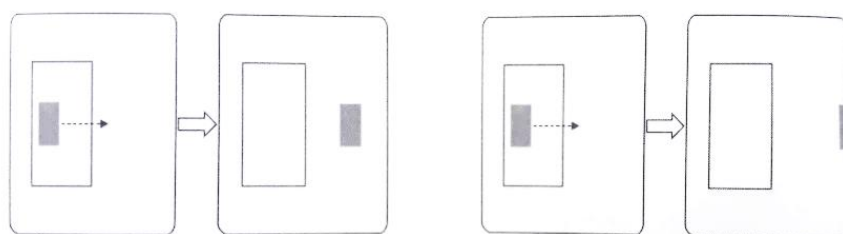
Para Rudzka-Ostyn (2003, p. 4), o grande problema de compreensão ocorre quando o sentido literal das partículas é estendido ao abstrato, isto é, a domínios não visíveis, tais como pensamentos, intenções, sentimentos, atitudes, relações, interações sociais e econômicas etc. Em outras palavras, quando ocorre o emprego metafórico das partículas.

Em seu livro *Word Power: phrasal verbs and compounds* (2003), Rudzka-Ostyn desenvolveu um modelo de análise, com base na Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff (1987), em que destacou a importância da preposição/partícula na construção metafórica de cerca de 1.100 *phrasal verbs*. A autora produziu diagramas imagético-esquemáticos (*schemas*) a fim de facilitar a conceitualização metafórica de CONTÊINER, considerado um dos esquemas imagéticos mais importantes para a compreensão do significado abstrato, visto que entendemos nosso próprio corpo como tal (LAKOFF, 1987, p. 271). A respeito disso, comentam Johnson e Lakoff:

Somos seres físicos, delimitados e separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles, e experimentamos o resto do mundo fora de nós. Cada um de nós é um contêiner, com uma superfície delimitadora e uma orientação de dentro para fora. Projetamos nossa própria orientação de dentro para fora em outros objetos físicos limitados por superfícies. Assim, também os vemos como recipientes com um interior e um exterior. [...] Mas mesmo onde não há limite físico natural que possa ser visto como definidor de um contêiner, impomos

limites – marcando o território para que ele tenha uma superfície interna e delimitadora –, seja uma parede, uma cerca ou um linha ou plano abstrato (JOHNSON e LAKOF, 1980, p. 29; tradução minha).<sup>26</sup>

Rudzka-Ostyn (2003, p. 14) define “out” como partícula, prefixo ou sufixo mais frequentemente usado na língua inglesa depois de “up”. Além disso, esclarece que “out” pode funcionar como partícula verbal (ex.: “Hang out the washing/Hang the washing out”) ou como preposição, quando combinada com “of” (“They rushed out of the house”). Quando usada espacialmente, a partícula carrega em si o conceito de contêiner e de um objeto que se move para fora deste. Com base nessa noção de contêiner, a pesquisadora desenvolveu diagramas imagético-esquemáticos para cada uma das 17 partículas analisadas em seu livro, dentre as quais “out”. O seguinte diagrama foi elaborado por Rudzka-Ostyn para “out”:



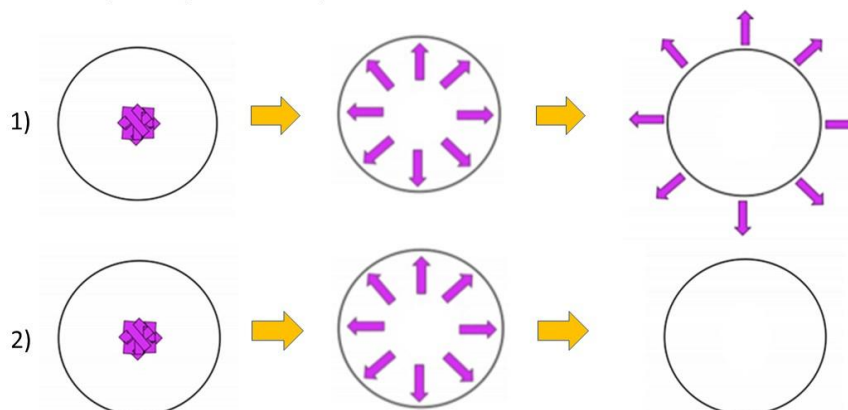
(2003, p. 14)

Uma vez que a proposta da autora é, por meio de seus diagramas, habilitar e encorajar os alunos a criarem seus próprios esquemas contextuais (2003, p. v), senti-me estimulada a partir de seus gráficos para também elaborar minhas representações imagético-esquemáticas da partícula “out”, acrescidas de animação. Sendo assim, o diagrama 2 ilustra minha interpretação destes, considerando as possibilidades semânticas apontadas por Rudzka-Ostyn (2003, pp. 14-47) e as palavras de Langacker, para quem os diagramas “não devem ser identificados *per se* como esquemas de imagem [...], mas apenas evocá-los e sugerir sua natureza” (2008, p. 32; tradução minha):

Diagrama 2: Representações de esquemas imagéticos projetados pela partícula “out”

<sup>26</sup> “We are physical beings, bounded and set off from the rest of the world by the surface of our skins, and we experience the rest of the world as outside us. Each of us is a container, with a bounding surface and an in-out orientation. We project our own in-out orientation onto other physical objects that are bounded by surfaces. Thus, we also view them as containers with an inside and an outside. [...] But even where there is no natural physical boundary that can be viewed as defining a container, we impose boundaries – marking off territory so that it has an inside and a bounding surface – whether a wall, a fence, or an abstract line or plane” (JOHNSON e LAKOFF, 1980, p. 29).

- Sair de um contêiner
- Expandir além dos / até os limites de um contêiner
- Desde dentro / a partir de um ponto central / em todas as direções
- Por todo o caminho / em direção a / sem interrupção
- Tornar-se 1) visível/percebido ou 2) invisível/inexistente



Animação disponível em: <https://youtu.be/8063l02Ss7s>

Com base nos significados atribuídos à partícula “out”, identifiquei os seguintes esquemas imagéticos:

- CONTÊINER (DENTRO-FORA; RESISTÊNCIA);
- ESPAÇO (compreendendo os esquemas PARA CIMA-PARA BAIXO; FRENTE-TRÁS; ESQUERDA-DIREITA; PERTO-LONGE; CENTRO-PERIFERIA; SUPERFÍCIE; CHEIO-VAZIO; CONTEÚDO);
- DESLOCAMENTO (ORIGEM-PERCURSO-DESTINO);
- FORÇA (COMPULSÃO; BLOQUEIO; REMOÇÃO DE RESTRIÇÃO; CONTATO; ORDEM LINEAR; VERTICALIDADE);
- EXISTÊNCIA (REMOÇÃO; ESPAÇO DELIMITADO; OBJETO; PROCESSO).

Por ser uma partícula com forte carga semântica espacial, “out” faz dos esquemas CONTÊINER e DENTRO-FORA dois dos mais nítidos quando pensamos suas projeções imagético-esquemáticas. Os esquemas relacionados à direcionalidade do movimento (PARA CIMA-PARA BAIXO; FRENTE-TRÁS; ESQUERDA-DIREITA etc.) surgem em razão da direção pela qual a saída de determinado CONTEÚDO do contêiner pode se dar. PERTO-LONGE se justifica pelo fato de o objeto dentro do contêiner estar mais “PERTO” deste e distanciar-se a partir do momento em que sai. CENTRO-PERIFERIA indica o deslocamento a partir de um ponto e seguindo em todas as direções, gerando uma ocupação generalizada do espaço. O esquema SUPERFÍCIE é projetado em razão de o conteúdo se deslocar continuamente até o

limite do contêiner (fundo/laterais etc.). O esquema CHEIO-VAZIO é acionado a partir do término/desaparecimento do conteúdo, ou seja, o que ocupava aquele espaço no contêiner agora não ocupa mais. O mega esquema de DESLOCAMENTO remete imediatamente ao esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO, sendo a origem algum ponto do contêiner, o percurso a trajetória física ou abstrata pela qual esse objeto conteúdo se desloca alcançando o limite do contêiner ou mesmo seguindo além.

A projeção do esquema FORÇA abarca os esquemas COMPULSÃO, que impulsiona o objeto/contêido para fora do contêiner; BLOQUEIO, que representa os limites do contêiner, ao mesmo tempo que ocorre a REMOÇÃO DE RESTRIÇÃO, pois “sair” ou “ir além” indicam que o limite que impõe a permanência do objeto/contêido no interior agora inexistente/foi removido.

Pode-se dizer que quando o objeto atinge o limite de um contêiner, seja físico ou abstrato, imagina-se o CONTATO entre as entidades. Uma vez que “out” suscita o deslocamento do objeto até o limite de forma contínua, sem interrupções, o esquema ORDEM LINEAR é acionado. E como segue continuamente na direção do fundo do contêiner, expressando o trajeto do objeto até o esgotamento, sugere um movimento de cima para baixo, portanto, o esquema VERTICALIDADE também é acionado.

O esquema EXISTÊNCIA ressalta a percepção de um objeto de uma entidade que o comporta, também de onde ele sai ou é retirado. Entende-se que há um PROCESSO de deslocamento a partir de um ESPAÇO DELIMITADO.

Uma vez identificados alguns dos esquemas imagéticos projetados pela partícula “out”, vejamos como eles possivelmente interagem com os esquemas projetados pelo verbo “to give” de modo a culminar no *phrasal verb* “give out”.

### **Esquemas imagéticos projetados durante a construção de significado do *phrasal verb* “give out”**

De acordo com os dicionários *Oxford Learners Dictionary*, *Macmillan*, *Cambridge* e *Longman Dictionary of Contemporary English*,<sup>27</sup> o *phrasal verb* “give out” assume os seguintes significados:

<sup>27</sup> Fontes:

*Oxford Learners Dictionary* <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/give-out>>;

*Cambridge Dictionaries* <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/give-out>>;

*Macmillan Dictionaries* <<https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/give-out>>;

*Longman Dictionary of Contemporary English* <<https://www.ldoceonline.com/dictionary/give-out#:~:text=From%20Longman%20Dictionary%20of%20Contemporary,to%20everyon e%20on%20the%20street.>>.

- 1) to come to an end; to be completely used up;
- 2) to stop working, to break down, to fail, to become exhausted, to collapse;
- 3) to produce something such as a sound, heat, light, etc.;
- 4) to give something to a lot of people/to distribute something/to make known openly or publicly.

Os esquemas imagéticos projetados pelo verbo combinados àqueles projetados pela partícula *são*, a meu ver, responsáveis pela polissemia dos *phrasal verbs*, de modo que caberá à condição de transitividade do verbo<sup>28</sup> indicar quais esquemas impulsionarão as projeções metafóricas das quais serão depreendidos os significados de “give out”.

De acordo com Rudzka-Ostyn (2003, p. 14), “out” “inclui em seu significado o conceito de contêiner e de objeto que se move para fora do contêiner. O contêiner/superfície/ponto de referência pode ser o que quer que circunde uma determinada entidade/trajetória que se move para fora dele” (tradução minha).<sup>29</sup> Por exemplo:

- um recinto, um edifício, uma sala, um carro, uma xícara, uma panela, um ninho, um buraco, uma concha, um túnel, uma cobertura externa, um campo ou qualquer outra área fechada;
- uma substância (líquida ou sólida), por ex.: água, madeira, rocha ou terra;
- um conjunto ou grupo de objetos, animais ou pessoas;
- nosso corpo, mente (p. 14; tradução nossa).<sup>30</sup>

Rudzka-Ostyn, então, identifica os elementos que poderiam ser considerados contêineres e, por isso, vir acompanhados de *phrasal verbs* constituídos da partícula “out”, tendo esta o sentido de movimento para o exterior. A autora diz, por exemplo, que “eat or inviting to eat away from home” é uma situação na qual é muito comum o uso de “out”, pois indica que se vai fazer uma

---

<sup>28</sup> O verbo transitivo (direto/indireto) transfere sua ação a algo ou alguém. De acordo com Catherine Traffis, no site *Grammarly*, o termo “transitivo” significa “to affect something else”. Fonte: <<https://www.grammarly.com/blog/transitive-and-intransitive-verbs/>>.

<sup>29</sup> “includes in its meaning the concept of a container and an object which moves out of the container. The container/surface/landmark may be whatever surrounds a given entity/trajectory that moves out of it” (RUDZKA-OSTYN, 2003, p. 14).

<sup>30</sup> “– an enclosure, a building, a room, a car, a cup, a pot, a nest, a hole, a shell, a tunnel, as outer cover, a field or any other enclosed area;  
– a substance (liquid or solid), e.g. water, wood, rock or earth;  
– a set or group of objects, animals or people;  
– our body, mind” (RUDZKA-OSTYN, 2003, p. 14).



refeição fora do “contêiner” casa. Também classifica conjuntos, grupos, corpo, mente, boca, estados e situações, a não-existência, o desconhecimento, a invisibilidade como contêineres.

A combinação das projeções de “give + out” pode resultar em significados que variam entre o que na língua portuguesa equivale a “esgotar”, “dar pane/colapsar” e “distribuir”.<sup>31</sup> A construção de cada sentido depende dos esquemas projetados pela partícula “out”, os quais, por sua vez, são acionados com base nas demais informações disponíveis. Nos exemplos 1 e 2, elaborados a partir das frases: “After two hours her patience *gave out*” e “One of the plane’s engine gave out in mid-air”, respectivamente, os sentidos admitidos pelo *phrasal verb* são os de “esgotar” e “dar pane/parar de funcionar”.

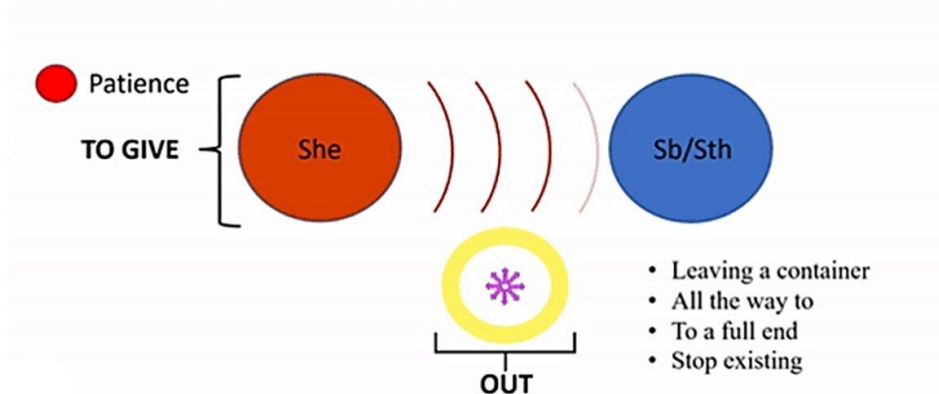
Ao que tudo indica, os sentidos ligados a inexistência, invisibilidade, esgotamento, colapso que a partícula carrega serão acionados quando o verbo “to give” estiver na condição de intransitivo e, portanto, não necessitar de complemento. Nesse caso, o esquema imagético projetado pela partícula que integra o *phrasal verb* é aquela em que o conteúdo do contêiner atinge o esgotamento, a inexistência, ao alcançar ou ultrapassar os limites do contêiner.

### Exemplo 1

#### Representações animadas dos esquemas imagéticos projetados por *give out*

1) to come to an end; to be completely used up.

E.g.: *After two hours her patience gave out* (Longman Dictionary of Contemporary English).



Animação disponível em: <https://youtu.be/c0k4g4whBV0>

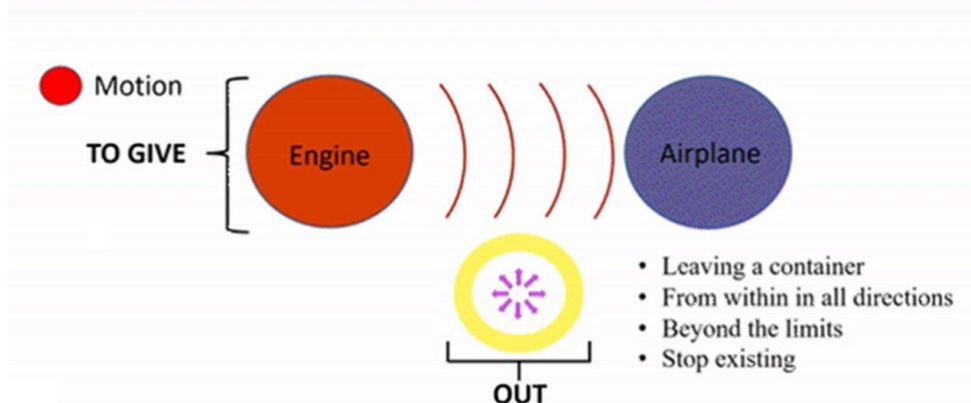
### Exemplo 2

<sup>31</sup> No inglês informal falado na Irlanda, “give out” tem o sentido de “reclamar”.

### Representações animadas dos esquemas imagéticos projetados por *give out*

2) To stop working, to break down, to fail, to become exhausted, to collapse.

E.g.: *One of the plane's engine gave out in mid-air* (Oxford Learners Dictionary).



Animação disponível em: <https://youtu.be/UINPSa970Pw>

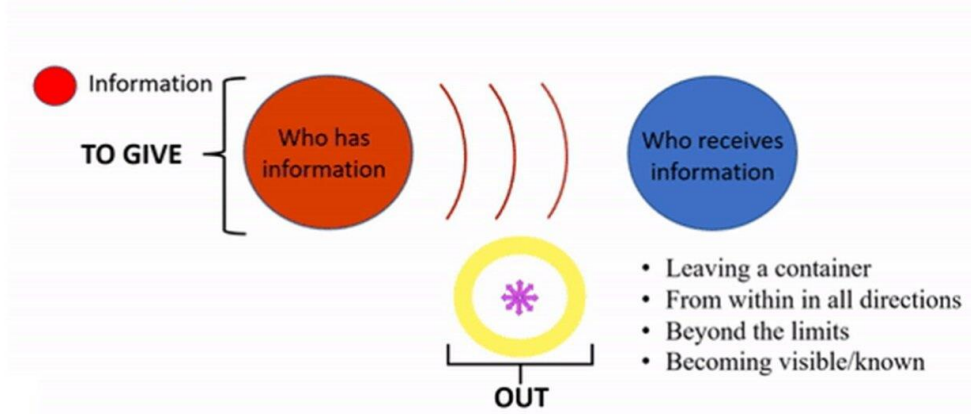
No exemplo 2, o CONTÊINER é “um dos motores do avião” e, como tal, possui a propriedade de converter energia em movimento, portanto movimento é o objeto “dado” ao avião. Nesse caso, se pensamos na atividade do motor como ocorrendo em seu interior, os esquemas imagéticos acionados por “out” são aqueles de representam o movimento gerado pela atividade contínua e intensa, partindo de um centro e se expandindo em todas as direções, rompendo os limites do contêiner, resultando na descontinuidade da atividade e na extinção do objeto.

### Exemplo 3

#### Representações animadas dos esquemas imagéticos projetados por *give out*

3) To give something to a lot of people/ to distribute something.

E.g.: *That's information I'm not ready to give out* (Merriam-Webster Dictionary).



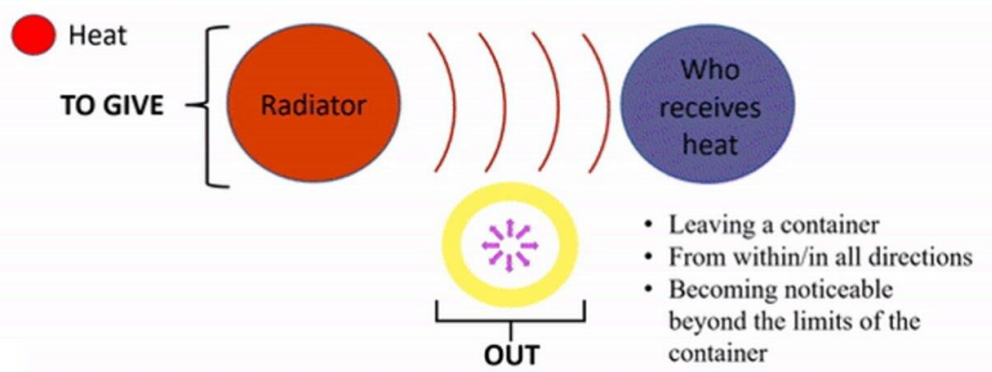
Animação disponível em: <https://youtu.be/dVWr3rInIOs>

### Exemplo 4

### Representações animadas dos esquemas imagéticos projetados por *give out*

4) To produce something such as sound, heat, light...

E.g.: *The radiator gives out a lot of heat* (Oxford Learners Dictionary)



Animação disponível em: [https://youtu.be/nF4J9\\_IL5tU](https://youtu.be/nF4J9_IL5tU)

Nos exemplos acima (“That’s information I’m not prepared to give out” e “The radiator gives out a lot of heat”), “to give” admite a condição de verbo transitivo e, como tal, necessita de um complemento: “I’m not prepared to give (what?) – That kind of information”/ “The radiator gives (what?) – a lot of heat”. Os complementos, então, selecionam os esquemas imagéticos projetados por *out* relacionados a distribuição/emissão que, por sua vez, atribuem visibilidade/existência/percepção ao objeto quando este ultrapassa os limites do contêiner. Assim também se explicaria que, em “The heater gives out a funny smell sometimes” (transitivo) e em “The heater gave out” (intransitivo), o mesmo *phrasal verb* seja compreendido de diferentes formas.

### Conclusão

Os *phrasal verbs* são considerados um dos aspectos gramaticais mais difíceis para os aprendizes da língua inglesa, pois, além da idiomaticidade, muitos deles são polissêmicos. Portanto, busquei verificar neste artigo de que maneira a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e os esquemas imagéticos, que incluem os preceitos pragmáticos ancorados nas experiências sensorio-motoras, podem gerar entendimentos quanto à construção de significado dos *phrasal verbs* da língua inglesa.

Pesquisadores da área de Linguística Cognitiva defendem que a partícula integrante de tais construções estimulam vários esquemas imagéticos que, combinados ao verbo, servem de gatilho para as extensões metafóricas a partir das quais depreendemos seus significados. Com base nisso, busquei, por meio de elaboração própria, ilustrar as possíveis projeções imagético-esquemáticas do verbo e da partícula que formam o *phrasal verb* “give out”, cujos significados na língua portuguesa

podem variar entre: 1) chegar ao fim, ser completamente consumido; 2) parar de funcionar, quebrar, falhar por exaustão, colapsar; 3) produzir algo como som, calor, luz etc.; 4) distribuir algo, dar a conhecer aberta ou publicamente.

Um breve histórico da evolução dos *phrasal verbs* nos mostrou que eles provêm dos verbos com prefixo acoplado empregados no inglês antigo (período da língua anterior ao século XII) e que a forma como se apresentam nos dias atuais teria surgido quando da transição para o inglês médio. Mesmo no inglês antigo já era possível observar alguns *phrasal verbs* com partículas pós-posicionadas, mas eram pouco recorrentes. Se antes a sintaxe do inglês antigo girava em torno da ordem Objeto-Verbo, sob influência das conquistas normanda e nórdica, durante o inglês médio, essa sintaxe foi corroída, catalisando a produção de partículas adverbiais separadas e de *phrasal verbs* na forma pós-verbal, tal como a conhecemos no inglês moderno.

Quanto à idiomaticidade, já no inglês antigo os verbos compostos prefixados não necessariamente refletiam um significado literal, conforme comprova o caso, por exemplo, do verbo “understandan”, que apresentava o mesmo sentido que na atualidade, ou seja, “compreender”, e não o significado literal da combinação da preposição “under” + verbo “standan”, que resultaria em “estar sob algo”.

A conceptualização do verbo “to give” (assim como dos demais verbos) requer uma combinação complexa de esquemas imagéticos, entre os quais CONTÊINER, PERTO-LONGE, ORIGEM-PERCURSO-DESTINO, OBJETO e UNIDADE-MULTIPLICIDADE. De acordo com o dicionário etimológico, a partícula “out” carrega consigo os sentidos de “fora de”, “além de”, “a partir de um ponto central”, “sem”, “ausência”, “por todo caminho”, “em direção a”, “continuamente”, “sem interrupção”. Tais sentidos foram agregados ao longo do tempo: percebe-se que desde o inglês antigo as preposições e seus complementos constituíram uma unidade conceptual, cuja carga informativa se associava aos sentidos espacial ou temporal. Contudo, durante o inglês médio, o significado espaço-temporal básico de muitas preposições estendeu-se a significados mais abstratos, resultando em generalizações semânticas. De acordo com Rudzka-Ostyn (2003), é a dilatação dos sentidos literais até a esfera abstrata, ou seja, quando as partículas passam a ser empregadas também metaforicamente, que dificulta a compreensão.

As representações animadas dos esquemas imagéticos elaboradas para a partícula “out” com base em sua carga semântica foram duas: uma culminando em visibilidade após o movimento de dentro para ultrapassar os limites do contêiner; e a outra resultando em invisibilidade, inexistência, após o mesmo movimento direcional. A conclusão a que chego até o momento – passível de reformulação a partir do aprofundamento da pesquisa – é de que os sentidos do *phrasal verb* “give out” se dão a partir da transitividade verbal. Quando o verbo se encontra na condição de

transitivo, o esquema imagético selecionado é aquele que resulta na visibilidade do objeto após sair dos limites do contêiner. Em contrapartida, o esquema que culmina em invisibilidade/inexistência é selecionado quando o verbo se revela intransitivo.

Faz-se necessário, portanto, a análise de outros *phrasal verbs* para confirmar a hipótese inicial.

## Referências

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: An introduction*. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2006.

CIENKI, Alan. STRAIGHT: an image schema and its metaphorical extensions, *Cognitive Linguistics*, v. 9, n<sup>o</sup> 2, 1998, pp. 107–150.

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations, *Cognitive Linguistics*, v. 6, n<sup>o</sup> 4, 1995, pp. 347-378.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. The University of Chicago Press. Chicago; London, 1987.

JOHNSON, Mark). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. The University of Chicago Press, Chicago; London, 2007.

JOHNSON, Mark; LAKOFF, George. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

KAMIYA, Masaaki. “The Origin and Development of Phrasal Verbs: The Database of Prefixed Verbs with up- and out- in Old English”. *Boletim da Toyota National College of Technology*, n<sup>o</sup> 48, 2015, pp. 63-90. Disponível em: <[LAKOFF, George. \*Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind\*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.](https://www.jstage.jst.go.jp/article/toyotakosenkiyo/48/0/48_KJ00010158369/_pdf/char/ja#:~:text=The%20origin%20of%20phrasal%20verbs,prefixed%0verbs%20in%20Old%20English.&text=(1)%20the%20development%20of%20prefixed,forme%20(e.g.%20upgango%20up).> Acesso em 17 de out. 2021.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in The Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge To Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAMONT, George J. M. “The Historical Rise of the English Phrasal Verb”, 2005. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~cpercy/courses/6361lamont.html>>. Acesso em: 19 de out. 2021.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University

Press, 2008.

MARINHO, Elyssa Soares; FERRARI, Lilian. “Mesclagem conceptual em piadas curtas”. *Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 12, nº 1, jan.-jun. de 2016, pp. 147-160. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 19 de out. 2021.

MARKS, Jonathan. “Wildly irregular or no longer insuperable?”. *MED Magazine: The Monthly webzine of the Macmillan English Dictionaries*, nº 36, mar. 2006. Disponível em: <<http://macmillandictionaries.com/MED-Magazine/March2006/36-Feature-Wildly-Irregular.htm#top>>. Acesso em: 20 de out. 2021.

RAMOS, Ana Paula Moraes. “Esquemas-imagéticos e o Processo de Mesclagem no Gênero ‘tirinhas’”. In: I Jornada de Estudos de Linguagem, 2005, Rio de Janeiro. *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações*. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, v. 1, 2005, pp. 157-176.

SMITH, Ashley. “The Origin of the Phrasal Verb”. Site *English Experts*, 2021. Disponível em:<<https://www.englishexperts.com.br/the-origin-of-the-phrasal-verb/#:~:text=A%20professora%20convidada%20Ashley%20Smith,Dictionary%20of%20the%20English%20Language>>. Acesso em: 20 de out. 2021.

STADLER, Michael W. *Ontological Nature of Part-Whole Oscillations: An Interdisciplinary Determination*. Viena: Austrian Academy of Sciences, Vienna 2020, pp. 139-184.

Recebido em: 22/7/2022

Aprovado em: 23/9/2022